

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS - MG

Instituto de Ciências da Natureza

Curso de Geografia – Licenciatura

Vinícius de Almeida Lemos

**PAÍSES PRODUTORES DE BANANA E A
INTERFERÊNCIA HISTÓRICA DOS EUA NA AMÉRICA
LATINA**



Alfenas - MG

2021

Vinícius de Almeida Lemos

**PAÍSES PRODUTORES DE BANANA E A INTERFERÊNCIA
HISTÓRICA DOS EUA NA AMÉRICA LATINA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como parte dos requisitos para
obtenção do título de Licenciado em
Geografia pelo Instituto de Ciências da
Natureza da Universidade Federal de
Alfenas- MG, sob orientação do Prof. Dr.
Estevan Leopoldo de Freitas Coca.

Alfenas – MG
2021

Banca Examinadora

Prof. Dr. Estevan Leopoldo de Freitas Coca (ICN/ UNIFAL-MG)

Prof. Dr. Evânio dos Santos Branquinho (ICN/ UNIFAL-MG)

Prof^a. Dr^a. Lorena Izá Pereira (UFPB)

Alfenas (MG), __/__/____

Resultado

Resumo

O presente trabalho é resultado de pesquisas sobre os temas de imperialismo, história do plantio de bananas na América Latina e a produção interna de alimentos desses países. Por ser um tema pouco explorado academicamente e envolver acontecimentos importantes e transformações agrárias, políticas e sociais para os latinos, com forte influência norte-americana, ele merece visibilidade. Sendo assim, objetiva-se trazer discussões fundamentadas em autores que apresentam acontecimentos, dados e teorias que foram reunidos para relacionar as empresas produtoras de bananas e o poder estadunidense sobre os países latinos, produzindo uma crítica à ação corporativista no campo. Uma ferramenta importante para a pesquisa foram as entrevistas semiestruturadas com funcionários de uma multinacional do ramo bananeiro para reunir novas informações que fomentaram o debate proposto. Além dessas entrevistas, outra também de grande importância com um secretário sindical para dar outra visão.

Palavra-chave: produção de bananas; imperialismo norte-americano; América Latina.

Resumen

El presente trabajo es resultado de una investigación sobre los temas del imperialismo, la historia de la plantación de banano en Latinoamérica y la producción nacional de alimentos en estos países. Por ser un tema poco explorado académicamente y que involucra eventos importantes y cambios agrarios, políticos y sociales para los latinos, con fuerte influencia estadounidense, merece visibilidad. Así, el objetivo es traer discusiones basadas en autores que presentan eventos, datos y teorías que se han reunido para relacionar las empresas bananeras y el poder americano sobre los países latinos, produciendo una crítica a la acción empresarial en el campo. Una herramienta importante para la investigación fueron las entrevistas semiestructuradas con empleados de una multinacional del sector bananero para recabar nueva información que propició el debate propuesto. Además de estas entrevistas, otra de gran importancia con un secretario sindical para dar otra vista.

Palabra-clave: producción de banano; Imperialismo estadounidense; Latinoamérica.

Lista de ilustrações

Figura 01 – Mapa dos países em que a Chiquita Inc. produz bananas em fazendas próprias e realiza compra de produtores.....	14
Figura 02 – Países em que a Chiquita Inc. apenas realiza compra de bananas de produtores.....	15
Figura 03 – Inspeção do controle de qualidade das bananas.....	16
Figura 04 – Comparação entre bananeira saudável e outra contaminada pelo TR4.....	30
Figura 05 – Exportação dos EUA para Colômbia.....	35
Figura 06 – Exportação dos EUA para Costa Rica.....	36
Figura 07 – Exportação dos EUA para Guatemala.....	36
Figura 08 – Exportação dos EUA para Panamá.....	36
Figura 09 – Exportação dos EUA para Honduras.....	37

Sumário

Lista de ilustrações.....	5
1 INTRODUÇÃO.....	13
2 METODOLOGIA.....	18
3 A CHIQUITA BRANDS E O COMÉRCIO DE BANANAS.....	20
5 A NOVA FACE DA CHIQUITA BRANDS.....	27
6 REGIME ALIMENTAR CORPORATIVO E A INDÚSTRIA DE BANANAS.....	32
7 DISCUSSÕES	38
8 CONCLUSÃO.....	40
REFERÊNCIAS.....	42
ANEXOS.....	44

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, diferentes empresas do ramo da fruticultura cresceram consideravelmente, expandindo sua área de produção e criando novas formas de alimentos para comercialização, sendo eles *in natura*, processados ou ultraprocessados. A empresa norte-americana Chiquita Brands representa bem o estilo dessas multinacionais, seu poder e as novas formas de alimentar que trazem para o mercado alimentício. Grande produtora de bananas na América Latina, essa empresa representa um volume considerável de comercialização da fruta fresca e em outras formas, como as ultraprocessadas, todas elas de fácil consumo para Estados Unidos da América e Europa.

As origens da Chiquitas Inc. encontram-se na empresa United Fruit Company. De acordo com Pinheiro (2016), a United Fruit Company cresceu em meio à expansão dos investimentos multinacionais dos EUA em 1914, buscando alimentos para o consumo doméstico. O autor fala ainda que a América Central foi escolhida para as produções por fazer parte da zona de poder de influência norte-americana e, por isso, ser um alvo fácil para a reprodução das práticas neocolonialistas. Nessas práticas estavam inclusas intervenções militares, cooptação de governos e imposição do capital externo.

A área das fazendas produtoras aumentou nos países da América Latina, elevando a fruta ao patamar de *commodity*. Essa expansão foi protagonizada por empresas estadunidenses, que foram fundidas e hoje são conhecidas como a Chiquita Brand.

A Chiquita Brands nasce ao final do ano de 2014, devido à falência da United Fruit Company. A dívida milionária com o Banco Safra nos Estados Unidos foi convertida em ações da agroindústria bananeira para o banco e, a outra parte foi comprada pela empresa brasileira Cutrale, responsável pela maior parte da exportação de suco de laranja do mundo.

Desde seu passado a empresa possui muitas terras cultivadas, principalmente na América Central, mas que entrou em falência devido à má administração dos antigos donos. Hoje, os atuais proprietários, Banco Safra e família Cutrale, reergueram o império das bananas e tiveram lucro em seu primeiro ano de Chiquita Brands, ao final de 2015. A nova face da multinacional surgiu com um marketing apoiado na qualidade, sustentabilidade, qualidade de vida para os trabalhadores, consumidores e com bananas praticamente perfeitas e saudáveis.

O *agribusiness* avança por diferentes culturas, capitalizando o campo, expandindo fronteiras e tornando empreendimento capitalista o que antes um meio para a reprodução da

vida e trabalho dos camponeses. A Chiquita Brands representa o império das bananas em dez países da América Latina, como apresentam as figuras 01 e 02.

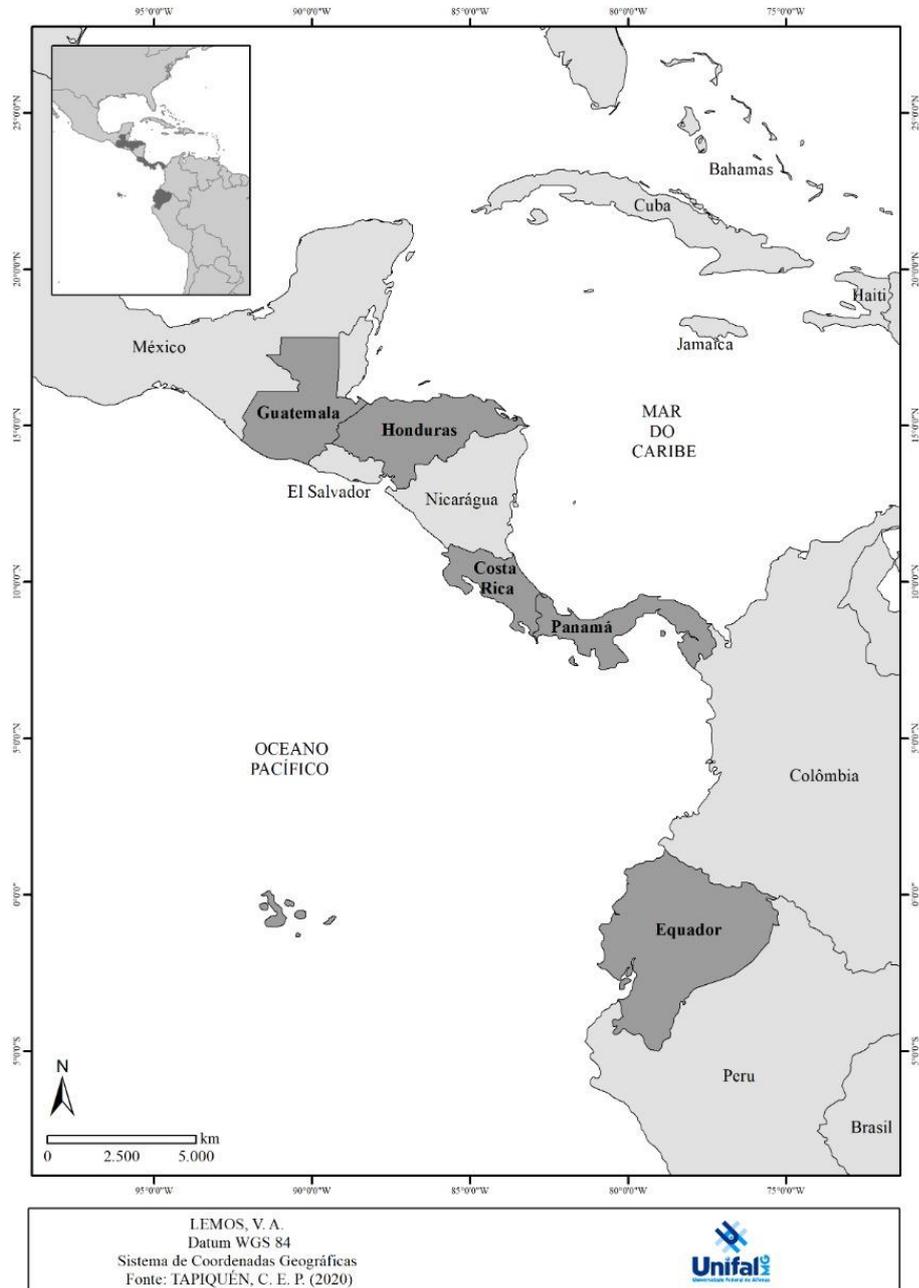


Figura 01: Mapa dos países em que a Chiquita Inc. produz bananas em fazendas próprias e realiza compra de produtores.

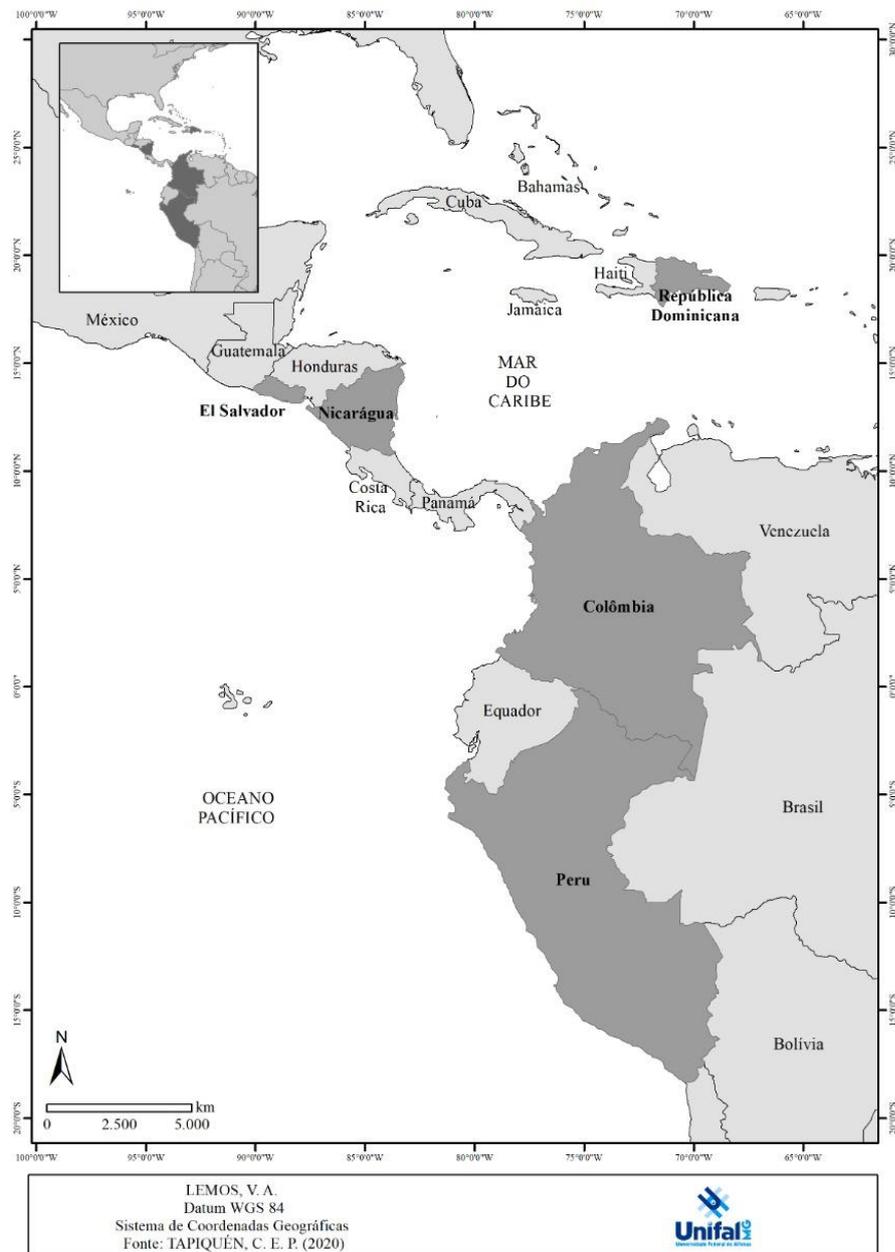


Figura 02: Países em que a Chiquita Inc. apenas realiza compra de bananas de produtores.

A multinacional bananeira realiza um trabalho minucioso para produzir em larga escala, pois ao passo que a planta é barata e amplamente difundida, ela precisa de cuidados manuais para que atenda as exigências dos consumidores dos Estados Unidos e Europa e, além disso, necessita de uma logística quase perfeita e ágil para conservar a fruta de alta perecibilidade, como afirma Fioravanço (2003). A etapa mais minuciosa da logística é a de exportação, visto que os contêineres contam com refrigeração de 14°C para conservação, sendo aferida a temperatura antes, durante e depois do transporte, visto que, conforme dados

de Fioravanço (2003), quase 30% da produção é transportada fresca. A figura 03 mostra o trabalho manual e detalhista do controle de qualidade.



Figura 01: Inspeção do controle de qualidade das bananas.
Fonte: Relatório de Sustentabilidade Chiquita 2019.

Tendo grande expressividade no mercado econômico mundial, a Chiquita atrai olhares curiosos quanto ao seu funcionamento, desde a produção até a exportação para seus principais consumidores do hemisfério Norte.

O presente trabalho objetiva apresentar parte da história da América Latina a partir das bananas, mostrando como uma série de ações norte-americanas afetou e transformou países. O passado de invasões, chacinas e subornos reflete drasticamente na atual configuração geográfica e social dessas nações subjugadas ao exterior e suas oligarquias associadas, movidas pela riqueza que a terra e o povo explorados podem os oferecer.

Ao longo desta pesquisa será apresentada a trajetória da Chiquita Inc., propondo responder qual é sua importância no mercado econômico mundial e para o sistema agroalimentar. Sendo este um tema de relevância e interesse para os mais diversos leitores que se interessam pela produção, história e o mercado das bananas que, apesar de ser uma fruta facilmente replicável e popular, não deixa de ser explorada pelo capital, transformando paisagens e lugares. A contribuição dessa pesquisa será demonstrar como a participação da Chiquita Brand no sistema agroalimentar global é um exemplo do imperialismo dos Estados Unidos em pleno século XXI.

Outra questão importante a ser levantada concernirá à soberania alimentar nos países latino-americanos, visto que o monocultivo da banana, além de outros que coexistem, interfere diretamente na produção e consumo de alimentos para a população. São preocupantes as condições de saúde da mesma, assim é preciso saber o que é a soberania alimentar, sua situação nos países estudados por esta pesquisa e de que forma a Chiquita obstrui a autonomia da agricultura local.

2. METODOLOGIA

O presente trabalho busca reunir, sistematizar e analisar dados e informações sobre uma das maiores produtoras de banana do mundo e a consequência de suas ações para a vida socioeconômica da América Latina, segurança alimentar e atitudes neocolonialistas do passado e possivelmente, do presente. Para tanto, foram discutidos autores engajados com os temas, como já citados, e outros adiante. Dados e informações oficiais também foram apresentados a fim de dialogar com o referencial teórico e as estratégias adotadas pela multinacional para evoluir e melhorar sua zona de impacto.

A história da Chiquita Brands é embasada no livro “*Veias Abertas da América Latina*”, de Eduardo Galeano (1978), que traz dados, fatos, acontecimentos e nomes que influenciaram e ditaram a neocolonização da América Latina, ou daqueles que tentaram por um fim nela. Primordial para o desenvolvimento desta pesquisa, Eduardo Galeano (1978) será indispensável para reflexões, críticas e para trilhar caminhos sobre a agricultura e ação imperialistas em países latinos. O fracasso e os escândalos da United Fruit Company são apresentados pela historiadora e colunista Joana Monteleone (2019) no site *Brasil de Fato*, quando a empresa se torna Chiquita Company.

O *Novo Imperialismo* de David Harvey (2004) também trará contribuições importantes, para embasar teoricamente a ação imperialista estadunidense sobre o mundo e sua consistência. O imperialismo ainda se faz presente no dia a dia dos países que funcionam como “celeiro” para os países desenvolvidos.

Para dar sustentação às discussões sobre a soberania alimentar nos países produtores de banana da América Latina, João Pedro Stédile e Horácio Martins de Carvalho (2011) são peças chave para tal, assim como Philip McMichel (2016), que traz uma notória contribuição para compreendermos “*O Regime Alimentar Corporativo*”, ou seja, a influência das empresas capitalistas sobre os hábitos alimentares da população, inclusive a Chiquita Inc. que é o foco da presente pesquisa. Na mesma linha de pesquisa sobre o regime alimentar corporativo está o conceito de comensalidade trabalhado por Rosa Wanda Diez Garcia (2003), importante para entender o atual comportamento da população mundial à mesa em um mundo globalizado, em que os países em desenvolvimento estão assumindo os hábitos alimentares dos países desenvolvidos.

As entrevistas sobre a Chiquita Inc foram feitas em forma de questionário, com base em Colognese & Melo (1998) esse tipo de entrevista é realizado por meio de um roteiro, no qual a formulação e a sequência das perguntas foram previamente determinadas, pois, os informantes responderam sem a presença do pesquisador. Os roteiros de entrevistas foram enviados para dois funcionários e posteriormente devolvidos, visto que eles estão estabelecidos fora do Brasil. Sr. Wagner Beig é Diretor Agrícola da Chiquita, estabelecido na Costa Rica, e Sra. Maria de Fátima Coelho é Gerente de Arquitetura de Sistemas, residindo nos Estados Unidos. No capítulo *A Nova Face da Chiquita Brands* serão discutidos os resultados das entrevistas comparando com as informações do Relatório Chiquita 2019 e os anais dos sindicatos dos trabalhadores de bananas.

Outra entrevista foi realizada com o Sr. Gerardo Iglesias, Secretário da Rel UITA (Regional Latinoamericana da União Internacional de Trabalhadores de Alimentação e Afins), por meio de ligações. A entrevista foi individual e informal, para que o entrevistado ficasse livre para falar sobre o tema, abrindo suas experiências e pontos de vista, e o entrevistador abordando problemáticas para dar sentido à entrevista, como recomendam Colognese & Melo (1998).

O capítulo 01, *A Chiquita Brands e o comércio de bananas*, aborda o surgimento das fazendas de bananas na América Central e Caribe, além da influência imperialista norte-americana por meio desta empresa e suas consequências. Aborda, ainda, a constituição da mesma e sua atual atuação.

O capítulo 02 apresenta *A nova face da Chiquita Brands* com base em seu relatório de 2019, pautada na sustentabilidade, bem-estar dos trabalhadores, defesa dos direitos das mulheres e das crianças e atenção às necessidades das comunidades locais. A partir disso serão contextualizadas essas ações com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Organização das Nações Unidas (ODS – ONU) e como a Chiquita tem contribuído para alcançar as metas em sua corporação.

O capítulo 03, *Regime Alimentar Corporativo e a indústria de bananas*, propõe uma discussão sobre a segurança e a soberania alimentar, e como a Chiquita interfere na produção de alimentos, especialmente nos países da América Central, onde a mesma atua. Para tanto, autores especializados nesse tema serão citados para dar sustentação a essa sessão da pesquisa.

3. A CHIQUITA BRANDS E O COMÉRCIO DE BANANAS

As bases da atual Chiquita Brands começam sua história em 1870, quando o navegante Lorenzo Dow Barker resolve levar bananas da Jamaica para serem comercializadas nos EUA. Barker se une a Preston em 1885, o inventor dos navios refrigerados a partir de enormes placas de gelo, para fazer a comercialização da fruta até lugares mais distantes dos EUA. Com essa evolução no transporte, Barker torna-se o maior exportador do Caribe, fundando a Boston Fruit com Preston. Mais tarde, a empresa torna-se a United Fruit Company, quando se unem a Minor Keith em 1889, proprietário de linhas de ferro na Costa Rica, importantes para o escoamento da produção (ALBANO, 2016). As linhas de ferro representaram a expansão da empresa por facilitarem o escoamento e por cortarem as fazendas produtoras.

A história de Minor Keith começa cedo, como escreve Vergara (2008), pois aos dezesseis anos ele ganha uma fazenda de gado do pai, mas logo muda para o ramo das ferrovias com seu tio Henry Meiggs que havia conseguido a concessão para construção da ferrovia entre a capital San José até o Puerto Limón, na Costa Rica. O governo costarricense concedeu um empréstimo a Keith, mas ocorreram muitas mortes em decorrência das doenças tropicais e péssimas condições de trabalho, fazendo com que o governo cortasse a verba. Desta forma, o jovem norte-americano consegue um empréstimo com um banco inglês e encontra nas bananas fonte de dinheiro para pagar os empréstimos e construir seu império.

Em 1890 Keith termina suas linhas de ferro e inicia o transporte das frutas, tendo cada vez mais sucesso e tornando-se muito influente na elite costarricense, especialmente quando se casa com Cristina Castro, filha do presidente José Maria de Castro. Vergara (2008) escreve que Keith assumiu as dívidas entre o governo da Costa Rica e os bancos ingleses, assim, ele ganhou o monopólio das ferrovias do país por 99 anos e isenção total de impostos, par perfeito para monopolizar o mercado de bananas dos EUA.

Keith possuía a rede ferroviária na Costa Rica, quase todas as plantações da América Central e controlava o mercado de banana do sul dos Estados Unidos. Por outro lado, Preston dominava as plantações nas Antilhas, era dono do vapor frigorífico *Great White Fleet* e controlava o mercado de banana do norte dos Estados Unidos (VERGARA, 2008).

Em 1911 toda a malha ferroviária construída por Keith passa a se chamar *International Railways of Central America (IRCA)*, espalhadas por toda América Central, indo da costa mexicana até Puerto Barrios na Guatemala, de acordo com Vergara (2008).

Galeano (1978) relata que Minor Keith ficou conhecido como *El papa verde*, pois era um devorador de países, rei sem coroa de toda a América Central, que fazia a população da Guatemala, Honduras, Costa Rica, Panamá, Colômbia e Equador ver as bananeiras como uma árvore do inferno.

Na época em que a United Fruit dizimava latinos, muitos escritores relataram as passagens, como no poema “*La United Fruit Co.*” de Pablo Neruda:

“Entretanto, pelos abismos
açucarados dos portos,
caíam índios sepultados
na neblina da manhã:
um corpo que rola, uma coisa
sem nome, um número caído,
um cacho de fruta morta
jogada no lixo” (Canto General, 1950).

A United Fruit Company cresceu e promoveu uma verdadeira ordem imperialista, possuindo fazendas para produzir cada vez mais, recrutando um contingente de trabalhadores assalariados e controlando os meios de transporte para escoar a produção.

A hegemonia estadunidense foi o que ditou as regras sobre os países da América Central e Caribe, fazendo com que a empresa tivesse livre arbítrio para expandir e promover o avanço do capital sobre esses países. Na concepção geopolítica do imperialismo, a América Central não é nada mais do que um apêndice natural dos Estados Unidos (GALEANO, 1978).

Isso era favorecido pelo trabalho exploratório que a United Fruit desenvolvia nos países da América Central e uma logística própria que a beneficiava em tempo, dinheiro e comunicações.

Albano (2016) expõe a apropriação de terras por parte da multinacional, roubadas de indígenas e geradoras de péssimas condições de trabalho. Em 1920, de acordo com o autor, a empresa já representava um capital de 100 milhões de dólares, com 67 mil empregados e mais de 650 mil hectares, tendo negócios em 32 países. Em 1928, conforme Galeano (1978), a United Fruit Co. era proprietária do maior latifúndio da Colômbia.

Os navios chegavam aos EUA com milhares de cachos de bananas para serem comercializados a preço baixo. De acordo com Galeano (1978), a United Fruit exportava 38 milhões de cachos da América Central em 1930, pagando um centavo de imposto por cacho em Honduras, mas esse minimposto não era controlado, pois as alfândegas estatais não moderavam seus desmandos.

As empresas se apoderavam de terras, alfândegas, tesouros e governos; os *marines* desembarcavam em todas as partes para proteger os interesses dos cidadãos norte-americanos; assim, passaram às mãos privadas grandes extensões desocupadas, que não pertenciam a ninguém ou eram da Igreja ou do Estado, e teve lugar o frenético despojamento das comunidades indígenas (GALEANO, 1978).

No século XX, a antiga United Fruit, promoveu uma grande influência na América Central, deixando de lado os interesses nacionais e a soberania desses países. Essas intervenções criaram os chamados enclaves econômicos, como cita Fioravanzo (2003), pois a extinta empresa controlava os transportes ferroviários, marítimos e os portos. Os antigos donos exerceram forte domínio sobre decisões políticas e administrativas, utilizando os poderes de influência e econômico. Cooptaram governos, apoiaram intervenções militares quando seus interesses estavam em jogo e não hesitaram em tomar iniciativas em benefício próprio.

O avanço sobre a América Central reuniu momentos de fragilidade desse continente que estava se erguendo em Estados-Nação, antes colônias da Espanha e endividadas com brancos ingleses, somados a forte capacidade financeira de empresas estadunidenses para investir e estruturar seus meios de produção, forçando esses novos Estados a se desenvolverem de acordo com isso.

Do final do século XIX e durante o século XX, grandes corporações dos Estados Unidos e da Europa implantaram imensas áreas de plantation na América Latina, e passaram a criar as “repúblicas de commodities” que começou com a produção de bananas para exportação e continuou com a laranja, cana-de-açúcar e soja (FERNANDES, 2019).

A extração de recursos naturais para produção de commodities através do controle territorial e a expropriação de populações camponesas são estratégias do modelo hegemônico do agronegócio que na América Latina é predominantemente agroextrativista, o que significa dizer que tem como base a extração de recursos naturais em um país e a industrialização em outro país (FERNANDES, 2018).

A história que a pesquisa objetiva mostrar é de invasões, mortes, pobreza e de danos ao meio ambiente. Mostra-se surpreendente o poder econômico e militar dos EUA para adentrar países e se sobrepor, pois, como reflete Galeano (1978), a lógica geopolítica do imperialismo faz os EUA pensarem que a América Central não é nada mais que seu apêndice natural.

É notável a condição de subserviência a qual os latinos foram submetidos, por meio de agentes públicos corruptos, elite inescrupulosa, dívidas com órgãos internacionais de crédito e ações massacrantes dos estadunidenses, que no passado matavam para acumular riquezas e na atualidade fazem acordos para maquiagem suas reais intenções de hegemonia e poder.

De acordo com Albano (2016), a United Fruit Company foi propulsora da mecanização do campo nos países da América Central, levando tratores pela primeira vez para a produção, operação de linhas de trens e a inauguração da primeira rádio e telégrafo entre navios, portos e fazendas, por meio da subsidiária Tropical Radiam Telegraph Company. Inaugurou também a Escola Pan Americana de Agricultura em Honduras, para formar mão de obra especializada no uso das novas tecnologias e para espalhar esse conhecimento pelos outros países.

Nas palavras de Galeano (1978), a especialização agrícola, vinda do exterior, despertou a sede pela apropriação de terras e de homens, pois na América Central o modelo atual de latifúndio nasceu sob as bandeiras da liberdade de trabalho. Porém, de acordo com o autor, os trabalhadores rurais da empresa ganhavam 30 centavos por dia na Costa do Pacífico, em condições insalubres e com barro até os joelhos.

A ideia da United Fruit não era promover avanço de infraestrutura para os países onde produzia, mas sim dar suporte para as fazendas, fazendo o que fosse preciso para não prejudicar e avançar o cultivo. Albano (2016) ressalta essas questões quando fala da destruição dos ecossistemas e florestas impenetráveis para aumentar a reserva de terras, já que a doença “Mal do Panamá” (*Fusarium oxysporum f. sp. cubense*) destruía plantações. Muitas áreas eram deixadas para a reserva em decorrência dessa doença que contaminava plantações, assim, abandonavam a localidade contaminada e iniciavam um novo cultivo fora dali.

Para Monteleone (2019), a United Fruit Company está diretamente ligada a perda de sabor, variedade e espécies das bananas, reduzidas a hegemonia da banana nanica que domina quase todo mercado mundial. Isso gera o alastramento de pragas pelo planeta e aumenta exponencialmente o uso de pesticidas, risco para a natureza e para os consumidores. De acordo com a historiadora, uma variedade mais letal do “Mal do Panamá” está afetando as outras bananas de exportação, o sigatoca-negra (*Mycosphaerella fijiensis*).

A migração da United Fruit era um grande mal para os países, visto que significava, além do abandono de terras, mais degradação do meio ambiente a fim de estabelecer as novas fazendas de bananas. Os capitalistas atuam num espaço e tempo contínuos, procurando suas vantagens individuais (HARVEY, 2003).

Nos países da América Central onde a United Fruit produzia, sendo eles Costa Rica, Honduras, Guatemala e Panamá, tinha grande peso na economia dos mesmos na geração de empregos e pagamento de impostos, o que dava poder para a mesma tomar atitudes desmedidas, como a ajuda para o desembarque de militares no Panamá durante a Guerra dos Mil Dias, de acordo com Albano (2016). Além disso, possuíam extensas áreas cultivadas e de reserva, chegando a possuir quase dois milhões e meio de acres em 1929, quando a empresa foi atingida pela crise do mesmo ano. Essas atitudes se diferem nos países produtores da América do Sul, sendo eles Colômbia e Equador, onde as bananas tinham uma importância pequena para o setor econômico, dando pouco poder para os desmandos norte-americanos.

A Guerra das Bananas é um exemplo da hegemonia estadunidense sobre os Estados Latinos, já na década de 1970, quando os países produtores de banana começaram a demonstrar sua indignação contra as décadas de poder na United Fruit Co., assim,

Em 1974, sentindo que não recebiam retorno justo pela exportação de bananas, os governos da Costa Rica, Guatemala, Honduras, Panamá e Colômbia decidiram criar a União dos Países Exportadores de Bananas (UPEB), com o objetivo de aumentar os impostos sobre as multinacionais do ramo e ter maior controle de preços e estoques. A United Brands e as outras companhias protestaram, interrompendo ou diminuindo as exportações de alguns destes países. O resultado foi uma resposta mais dura dos governantes, iniciando a chamada Guerra das Bananas (...). Por fim, a United Brands acabaria cedendo e a UPEB sendo concretizada (MARQUETTO, 2010. p. 68).

Além dos confrontos internos, as multinacionais bananeiras também já passaram por divergências internacionais entre Estados Unidos e União Européia, conforme Fioravanzo (2003) apresenta,

Um exemplo do poder dessas empresas pode ser, de certo modo, visto no que se denominou a “**Guerra das Bananas**”, disputa comercial entre a União Européia e os Estados Unidos e outros países latino-americanos produtores e exportadores de banana, ocorrida na década passada. A disputa teve como ponto de discórdia a inclusão de cotas de comercialização administradas mediante o sistema de licenças na Organização Comum do Mercado (OCM) da banana da UE, que passou a vigorar em junho de 1993, e o aumento dos direitos tarifários para as importações de banana procedente dos países não ACP (África, Caribe e Pacífico). O confronto culminou com o estabelecimento em 1996 de um painel junto à Organização Mundial do Comércio (OMC) e trouxe, além da reforma da OCM, uma outra consequência de significativa importância: a reorganização completa do

mercado mundial da banana pelas empresas multinacionais, como estratégia para adaptar-se às novas condições, intensificar suas atividades nos países que recebem um tratamento preferencial e ganhar novos mercados (FIORAVANÇO, 2003, p.24).

Em uma tentativa de autoindependência por parte de governos guatemaltecos, a partir de 1944 com a queda do general Ubico, o novo presidente Juan José Arévalo e seu sucessor Jacob Arbenz, promoveram uma série de reformas para romper com o monopólio da United Fruit no transporte e exportação, com novas estradas, o novo porto de San José e reforma agrária, apenas com o capital nacional, de acordo com Galeano (1978). Todavia, como relata o autor, a cortina de ferro estadunidense fez crescer uma furiosa campanha internacional sobre a Guatemala por meio do rádio, jornais e os próceres da OEA (Organização dos Estados Americanos). Jacob Arbenz caiu em 1954, voltando ao poder as velhas ditaduras influenciadas pelo norte e suas reformas caíram por terra quando Castillo Armas devolveu todas as terras à United Fruit e outros expropriados.

A essas intervenções nos países da América Central, Harvey (2003, p.31) classifica como imperialismo capitalista e o descreve,

Defino aqui a variedade especial dele chamada "imperialismo capitalista" como uma fusão contraditória entre "a política do Estado e do império" (o imperialismo como projeto distintivamente político da parte de atores cujo poder se baseia no domínio de um território e numa capacidade de mobilizar os recursos naturais e humanos desse território para fins políticos, econômicos e militares) e "os processos moleculares de acumulação do capital no espaço e no tempo" (o imperialismo como um processo político-econômico difuso no espaço e no tempo no qual o domínio e o uso do capital assumem a primazia).

Nas palavras de Harvey (2003), as práticas imperialistas exercem assimetrias no espaço, por meio de trocas desiguais, forças monopolistas articuladas e práticas extorsivas, violando o mercado de funcionamento perfeito e acentuando desigualdades, que se expressam geograficamente na riqueza e bem estar de territórios particulares à custa de outros territórios, tomando vantagens em recursos naturais e localização.

Não somente sobre o meio ambiente, o efeito da hegemonia estadunidense também impactou a população e a economia, que passaram a ser dependentes da produção e

exportação de bananas, empregando de forma precária e interferindo na produção interna de alimentos.

Antes de serem comercializadas por Baker e Minor Keith, as bananas eram desconhecidas por boa parte do mundo. A popularização da fruta só foi conquistada graças ao forte investimento em marketing.

A historiadora Monteleone (2019) apresenta o fortalecimento das bananas por meio do marketing em 1944, quando foi lançado um desenho animado – na verdade peça publicitária – para popularizar a fruta no mercado estadunidense. No desenho animado as bananas eram personificadas, com turbante tropical na cabeça com o nome da Chiquita e cantavam as vantagens da fruta. Assim, as bananas foram ganhando popularidade, mercado e espaço na culinária, pois passaram a surgir em revistas, livros e programas as receitas de sobremesas, como a popular *Banana Split* e a torta *Banana Cream Pie*.

Ainda de acordo com Monteleone (2019), as propagandas de bananas falantes com turbantes faziam referência a Carmem Miranda. Nelas, eram dadas instruções de como consumir a banana e qual eram os sinais da sua qualidade.

A empresa se envolveu em muitos escândalos e calotes nos últimos anos de United Fruit Co., quando o governo estadunidense a acusou de subornar autoridades em Honduras para abaixar os impostos de exportação, que suspendeu as negociações da empresa na bolsa de valores por uma semana, informações de Monteleone (2019). Nesse mesmo período uma série de furacões destruiu plantações de bananas e o presidente da empresa pulou do edifício PamAm em Nova Iorque, em 1970.

Esses escândalos também chegaram até a Europa, como o financiamento de milícias de direita na Colômbia, fazendo com que o mercado europeu impusesse uma série de medidas protetivas entre 1990 e 2000, o que deixou a empresa à beira da falência. Em 2014 a família Cutrale e o Banco Safra compram o que restou da empresa.

4. A NOVA FACE DA CHIQUITA BRANDS

Desde 2014, quando a velha Chiquita Brands esteve à margem da falência e foi comprada pelas elites financeiras Safra e Cutrale, o estilo da empresa mudou. Primeiramente foi adotado o projeto Chiquita Incorporation, para dar luz ao lema “incorporação de princípios”, algo que já havia desde 1990, mas que não passava de ironia como a história mostra. E, para efetivar suas mudanças, passou a investir mais em agricultura de precisão e a buscar alternativas para se destacar no mercado, não apenas com produtividade, mas também com uma postura mais preocupada com o meio ambiente.

A Chiquita vem se apoiando em práticas de redução no uso de agroquímicos, plástico, água e fontes de energia não renováveis. Com base no Relatório de Sustentabilidade da Chiquita (2019), os projetos desenvolvidos são:

- *Culturas de cobertura:* As culturas de cobertura são uma forma natural de limitar a erosão do solo e controlar pragas, e significa que menos agroquímicos são usados. Esse programa nos permitiu reduzir o uso de herbicidas em 36% de 2014 a 2017.
- *Pegada hídrica - economia e reciclagem:* A pegada hídrica da Chiquita varia conforme o país, de 400 a 600 litros por quilo de fruta. A Chiquita identificou duas maneiras principais de reduzir o consumo de água azul: irrigação direcionada e estações de empacotamento inteligentes de água.
- *Irrigação direcionada:* A maioria das bananas é plantada em fazendas que geralmente não precisam de irrigação para produzir frutos durante todo o ano. Alguns, entretanto, passam por uma estação seca. Atualmente, 34,3% das terras agrícolas são irrigadas, e nada disso representa desperdício de irrigação aérea.
- *Estações de embalagem com água inteligente:* Instalou-se sistemas de reciclagem de água em 26% das estações de embalagem, o que nos permitiu reduzir o uso de água em mais de 1,7 bilhão de litros por ano em comparação com a média própria de 2013-2016. Isso é uma economia de 80% de água em comparação com estações de embalagem que não têm esses sistemas. 23% das estações são estações de empacotamento de retirada a seco, com cada estação economizando cerca de 9,4 milhões de litros de água.

- *Químicos agrícolas:* Reduziu-se o uso de produtos químicos de muitas maneiras, como rotação de produtos e boas práticas agrícolas (fitossanidade, desfolhamento preventivo, monitoramento de pragas, uso de armadilhas e assim por diante). Também adotou-se a agricultura de precisão integrada ao manejo de pragas. São usados agroquímicos quando as pragas representam um risco para a cultura. São praticadas as melhores técnicas e horários de aplicação possíveis e são alternados os ingredientes ativos para evitar resistência. 92% dos produtos usados são de baixa toxicidade (categoria III e IV da OMS).

A estratégia de reciclagem de água fez com que a empresa jogasse menos água fora, visto que a bananicultura tem uma grande demanda por água e nutrientes como nitrogênio e potássio. Somado a isso está a diminuição da área de plantio, que contribui para diminuir o uso de água. Sob condições de fornecimento limitado de água, a produção total será maior quando as necessidades de água da cultura forem atendidas em uma área limitada do que quando as necessidades de água da cultura forem parcialmente atendidas em uma área extensa, como informa a FAO (2021).

No relatório também é possível encontrar mais transformações da empresa, como a mudança no uso dos combustíveis dos navios, que passaram a ser elétricos. Outra mudança está em Hueneme, na Califórnia, onde o sistema de refrigeração foi montado para ser abastecido por energia solar. Já na Holanda, em Vlissingen, os contêineres da Chiquita são colocados em um grande terminal, possibilitando que milhares deles mantenham o resfriamento das bananas com a energia das turbinas eólicas.

Essas tantas medidas fazem parte da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, da ONU. A Agenda 2030 traz também os oito ODM (Objetivos de Desenvolvimento do Milênio), os quais a Chiquita se diz inteiramente preocupada, tomando base seu Relatório de 2019. Além deles, há também os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), que completam 17 ODS e 169 metas a serem cumpridas pelos países membros da ONU.

A empresa também participa, desde 1990, do Projeto Nogal, no Corredor Biológico Mesoamericano. São 100 hectares de terras que foram restauradas, preservadas e mantidas. O Corredor não é uma reserva tradicional, mas uma combinação de áreas protegidas e terras

privadas cujo principal objetivo é permitir que os animais se movam de um lado para o outro (CHIQUITA, 2019).

De acordo com o entrevistado Wagner Beig, estar próximo de áreas verdes é um indicativo de ter ali uma reserva de água, tão essencial para as fazendas e que tem sido melhor aproveitada com os projetos sustentáveis.

A proximidade de áreas verdes e fontes de água também indica que a produção não será afetada, que o controle dos recursos naturais tem fins capitalistas e não de proteção. Assim, o Corredor Biológico Mesoamericano representa uma forma de poder, pois recursos escassos como água potável e terras férteis estão sob o controle de empresas mundiais, não somente da Chiquita, demonstrando que futuramente as corporações estarão bem servidas em detrimento da população local.

A doença “Mal do Panamá”, ou Tropical Race4, ainda é um grande desafio que tem sido contornada por meio dos esforços de desinfecção e inspeções rigorosas que os funcionários da Chiquita fazem regularmente, como relatou Wagner. De acordo com a FAO (2021), o uso intensivo de irrigação favorece o desenvolvimento dessa doença, potencialmente capaz de destruir todo o cultivo. Por via do desenvolvimento técnico, a Chiquita pôde contornar o TR4 com sistema de drenagem, protocolos sanitários e com pesquisas de laboratório, pois a Cavendish comercializada pela empresa é muito vulnerável.

O entrevistado Sr. Gerardo Iglesias diz que o TR4 é um álibi para a Chiquita, que tem barrado a entrada dos sindicatos nas fazendas para dialogar e defender os trabalhadores. Somado ao TR4 está o Sars-CoV-2, que está em nível pandêmico. A CORBANA (Corporação Bananeira Nacional – Costa Rica) foi contra essa medida e disse que os sindicalistas não podem ser proibidos de falar com os trabalhadores. Gerardo também disse que nos tempos de United Fruit os sindicatos não tinham entrada restringida nas plantações como acontece atualmente na Chiquita.

A figura 04 apresenta a comparação entre uma bananeira saudável e outra contaminada pelo TR4, que, além de prejudicar a própria planta, prejudica também o futuro cultivo, já que, de acordo com a FAO (2021), após a colheita, o pseudocaule é cortado; o caule subterrâneo (rizoma ou rizoma) dá origem a vários botões que, depois de germinados, formam novos pseudocaulos, ou os chamados rebentos; eles são removidos, exceto por um ou dois que fornecem a colheita da soca. O TR4 ainda representa um risco enorme para as plantações, visto que não há êxito das pesquisas para erradicar a doença que é muito agressiva, como disse Sr. Wagner.

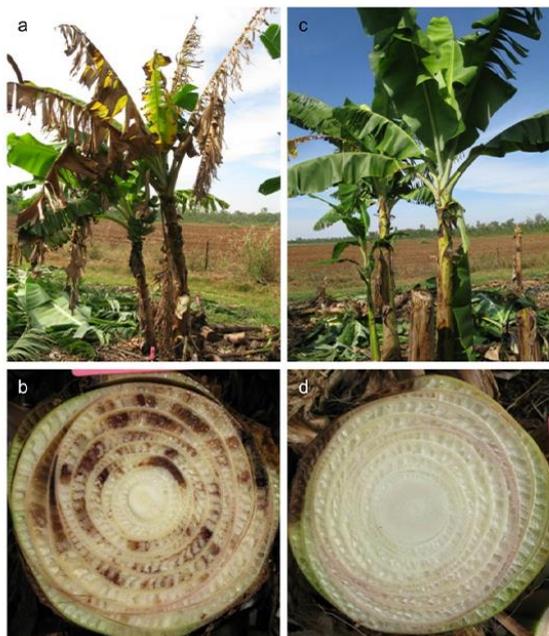


Figura 02: Comparação entre bananeira saudável e outra contaminada pelo TR4

Fonte: QUT

Disponível em: <https://www.qut.edu.au/institute-for-future-environments/research/project-fusarium-wilt-tropical-race-4>. Acesso em 17 mar. 2021.

A entrevistada Maria de Fátima se diz muito orgulhosa de trabalhar na empresa e fazer parte da atual Chiquita, que efetivou muitas mudanças em âmbito social, dando a ela chance de crescer na empresa e ter um cargo de destaque, atuando não somente na administração, mas em todo o sistema operacional da multinacional.

A corporação Chiquita tem muito orgulho das mudanças que fez, principalmente se comparadas com a corrupção explícita da United Fruit Co. no passado. Atualmente os executivos dizem se preocupar com as demandas de educação, qualidade no trabalho e segurança das populações locais por compreender que todos fazem parte do processo, como destaca Maria de Fátima.

A realidade da Chiquita tem se mostrado outra, pois, como afirma o entrevistado Gerardo Iglesias, tudo piorou quando os brasileiros chegaram ao poder da empresa. Para ele, os atuais donos da empresa demonstram ter uma grande falta de cultura trabalhista, desrespeitando os direitos daqueles que trabalham para a multinacional. Gerardo relata que a Rel UITA tem se empenhado contra os desmandos da Chiquita, especialmente no último episódio de demissão em massa, ocorrido em Puerto Limón na Costa Rica, onde está a maior unidade da Chiquita. Cerca de 200 funcionários foram demitidos injustamente e repentinamente por WhatsApp de forma unilateral.

Por meio das entrevistas pode-se constatar que o falso universalismo estadunidense está idealizado pelos trabalhadores da Chiquita e demais cidadãos que ainda acreditam na despreziosa presença dos EUA nos países latinos. No entanto, o que se constata por meio das palavras do Sr. Gerardo é que as bananeiras da Chiquita ainda são árvores do inferno, como murmurou Galeano (1978).

A nova face da Chiquita Brands continua a reproduzir os mesmos hábitos selvagens do imperialismo, demonstrando que o grande capital não está disposto a prover desenvolvimento a menos que isso signifique mais acumulação de riquezas. A empresa mudou para continuar igual.

A fragilidade da América Latina ainda é combustível para a hegemonia estadunidense, se fazendo necessária a manutenção da pobreza para a contínua dependência pelas esmolas dos EUA.

5. REGIME ALIMENTAR CORPORATIVO E A INDÚSTRIA DE BANANAS

O regime alimentar corporativo visa trabalhadores assalariados em uma oferta combinada de estender a elasticidade de consumo de alimentos e ampliar mercados alimentares por meio do comércio injusto (McMICHAEL, 2016). Dando alicerce a isso estava a OMC (Organização Mundial do Comércio) e seus mecanismos financeiros e neoliberais, atuando sobre o campo, formando uma economia global única baseada nas regras de intercâmbio e comércio.

Em 1990 um abastecimento global corporativo transnacional, segundo McMichael (2016), era mais evidente em tecnologias de transformação, ou seja, a capacidade no resfriamento, armazenamento de sementes e transporte de frutas e vegetais, disponibilizadas fora de época ou durante todo ano para classes mais abastadas, por meio de ilhas de plantação por todo sul global.

O regime de livre comércio da OMC promoveu maior circulação de alimentos relacionados ao setor agrícola. O protocolo do Acordo sobre Agricultura (AoA) fez com que os Estados do Sul global desregulassem sua produção, enquanto os Estados do Norte concentravam cada vez mais seus subsídios nas corporações, como destaca McMichael (2016). O impacto disso foi a crescente espoliação contra os pequenos produtores que não tinham capacidade de competir com o baixo preço das grandes empresas, chegando ao triste fim de perderem suas terras.

McMichael (2016) diz que a AoA acreditava que os subsídios dariam condições favoráveis para ser alcançada a segurança alimentar, ou seja, a condição dos países em adquirir alimentos quando houvesse necessidade. Porém, com o inevitável êxodo rural e ampliação dos latifúndios, a produção de alimentos passou a ser viável apenas para as corporações.

O termo “segurança alimentar” passou a ser usado após o fim da Segunda Guerra Mundial, pois tornou-se claro que um país poderia dominar o outro controlando seu fornecimento de alimentos, como afirmam Maluf et al (2000). Assim, a soberania nacional dependia da autossuficiência dos países em alimentos para sua população. Esse assunto foi pauta da I Conferência Mundial de Segurança Alimentar da FAO em 1974, que deu impulso na defesa pela Revolução Verde e uso de insumos agrícolas como forma de alavancar a produtividade e resolver o problema da fome. Mas, Maluf et al (2000) dizem que a Revolução

Verde e os agrotóxicos não recuperaram a agricultura de forma considerável como prometido e também não resolveram a questão da desnutrição. A partir daí surge a compreensão de que a disponibilidade de comida não é tão importante se a mesma não for acessível.

Como contraponto ou complemento ao termo “segurança alimentar” surgiu a “soberania alimentar”, conceito formulado por La Via Campesina, que invoca o direito das nações de proteger a produção e os produtores domésticos, como formaliza McMichael (2016, p. 86):

No nível substantivo, oferece uma alternativa ontológica: defender direitos além dos direitos de mercado, com uma identidade agrária baseada em um complexo de valor que entrelaça a subjetividade e a preservação ecológica como precondição para a sustentabilidade social e ambiental. Defender o ‘modo camponês’ não se refere a preservar uma ‘cultura’, mais do que isso, tem a ver com fortalecer práticas culturais que não reduzam o alimento e a agricultura à formulação de preços. Ao fazer isso, o movimento de soberania alimentar afirma a incomensurabilidade de culturas agroalimentares diversas com um regime alimentar monocultural que objetiva e fetichiza o alimento como um vetor de acumulação de capital.

A realidade da monocultura de bananas apresenta não só os riscos para meio ambiente, biodiversidade e divisão do trabalho, mas, também, para o abastecimento interno de alimentos básicos. A soberania alimentar refere-se à capacidade dos países de produzirem seu próprio alimento e, sem ela, a população está exposta a falta de comida e, conseqüentemente, à desnutrição. Em um cenário ainda pior, os trabalhadores rurais são aqueles que mais sofrem com a fome e, ironicamente, servindo às lavouras do grande capital.

Essa tendência geral pelo controle oligopolizado mundial da produção, processamento e distribuição de alimentos tende a sugerir novas formas de colonialismo (STÉDILE, CARVALHO, 2011).

Nota-se na América Latina no período de 1980 a 2000, período seguinte as reformas da globalização, uma crescente pressão de empresas ligadas a agricultura sobre os produtores rurais. Por trás dessas pressões ocorriam fusões e aquisições entre grandes grupos transnacionais. Esses processos marcam modificações na estrutura de mercado, tendendo para a concentração e internacionalização da produção, inclusive nas decisões produtivas sobre a agricultura dos países latino-americanos. Tudo isso ligado ao enfraquecimento dos estados nacionais na formulação e aplicação de políticas setoriais para a agricultura, contribuindo para o desaparecimento da soberania alimentar em diversos países e atenuando as diferenças entre

as regiões mais e menos desenvolvidas (STÉDILE, CARVALHO, 2011 apud CHONCHOL, 2005).

A atual conjuntura da alimentação da população urbana acompanha a intensa industrialização dos manufaturados e, também, do setor alimentício, que não poderia ficar de fora da especulação financeira. O fácil preparo e consumo de alimentos processados e ultraprocessados tem chamado a atenção e preferência, ainda mais por serem saborosos e prazerosos de comer.

Nas palavras de Stédile e Carvalho (2011), um pequeno número de grandes empresas do ramo alimentício controla 26% do mercado mundial, oferecendo consequências onerosas à saúde das pessoas, economia mundial e ao campo, como eles mesmos argumentam:

A artificialização da agricultura pelo crescente uso de insumos de origem industrial, a agroindustrialização dos alimentos, a padronização mundial dos hábitos alimentares da população e a manipulação industrial para a oferta de alimentos com sabores, odores e aparências similares aos naturais, aliados ao aumento da oligopolização dos controles corporativos das cadeias produtivas alimentares, nos indica, entre outros fatores, que inversamente à construção de uma soberania alimentar, se caminha uma tirania da dieta alimentar, homogeneizada e manipulada, em busca apenas de altos lucros para as grandes corporações agroindustriais (STÉDILE & CARVALHO, 2011, n/p).

A precarização dos hábitos alimentares saudáveis está fortemente relacionada ao enfraquecimento da autonomia produtiva dos países subdesenvolvidos, que tem sua agricultura vendida ao monocultivo, como o de bananas, sendo fortemente influenciados por estilos gastronômicos criados nos Estados Unidos e Europa, que também são donos das redes de supermercados que vendem esses mesmos estilos ao mundo inteiro.

No contexto da Chiquita e onde está situada, a produção de bananas faz parte integral da vida das pessoas, especialmente na alimentação. De acordo com o Relatório de Sustentabilidade, em 2018, 56 mil toneladas de bananas consideradas inadequadas para exportação foram vendidas à população local ou transformadas em purê de banana ou farinha de banana na Planta de Processamento de Ingredientes Tropicais da Chiquita (CTI) na Costa Rica (CHIQUITA, 2019). Esse excedente de bananas influi diretamente na vida da população latina, que produz e consome bananas o tempo todo, ainda mais por serem baratas e acessíveis.

Além dos mercados consumirem as bananas in natura, consomem também as formas processadas em purê ou farinha. Com base em Monteiro et al (2015), os alimentos Chiquita estão em dois grupos:

O primeiro é composto pelos alimentos *in natura*, ou minimamente processados, do qual fazem parte alimentos extraídos da natureza para serem consumidos logo após sua coleta, ou que assaram por processamento mínimo, com a finalidade de aumentar sua duração e, às vezes, facilitar o seu preparo. Ao segundo grupo pertencem os ingredientes culinários processados, substâncias extraídas de alimentos ou da natureza e utilizados nas preparações culinárias, como óleo, açúcar e sal (MONTEIRO et al, 2015, p.191).

A padronização dos alimentos pelas empresas transnacionais afeta diretamente os hábitos alimentares e as práticas domésticas que as populações tinham, de prover seus próprios alimentos, baseados nos biomas aonde vivem e na sua cultura alimentar centenária (STÉDILE, CARVALHO, 2011).

O enfraquecimento da função Estados nacionais na formulação e aplicação das políticas setoriais para a agricultura, como apontam Stédile e Carvalho (2011), está contribuindo diretamente para o enfraquecimento da soberania alimentar. Ligado a isso também está a qualidade do que é consumido e a que preço.

Com base nas informações do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), as exportações de alimentos dos EUA para países latinos têm crescido a cada ano, como está representado nos infográficos 01, 02, 03, 04 e 05 abaixo.



Infográfico 01: Exportação dos EUA para Colômbia

Fonte: USDA

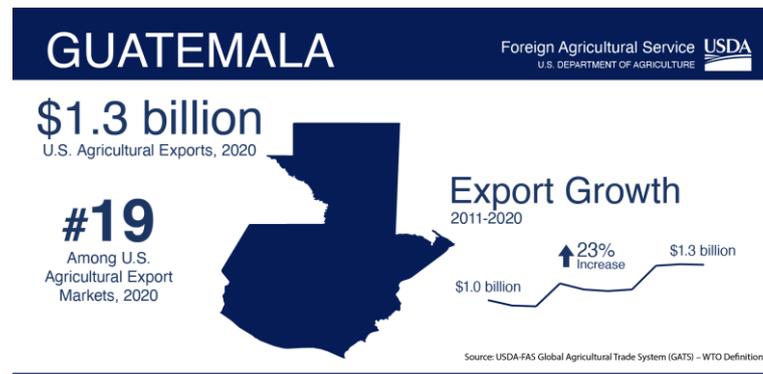
Disponível em: <https://www.fas.usda.gov/regions/colombia>. Acesso em 17 de mar. 2021.



Infográfico 02: Exportações dos EUA para Costa Rica

Fonte: USDA

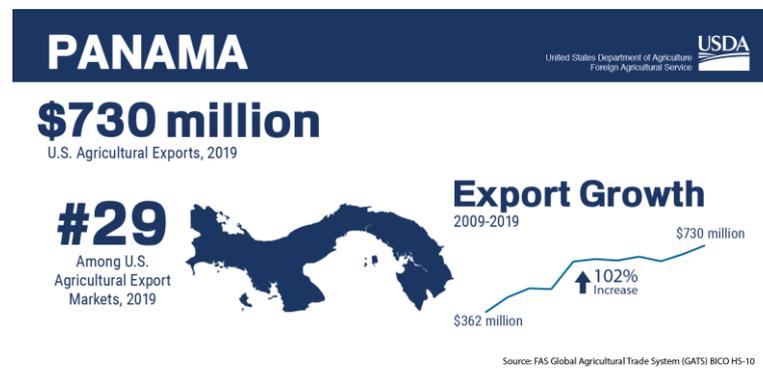
Disponível em: <https://www.fas.usda.gov/regions/costa-rica>. Acesso em 17 de mar. 2021.



Infográfico 03: Exportações dos EUA para Guatemala

Fonte: USDA

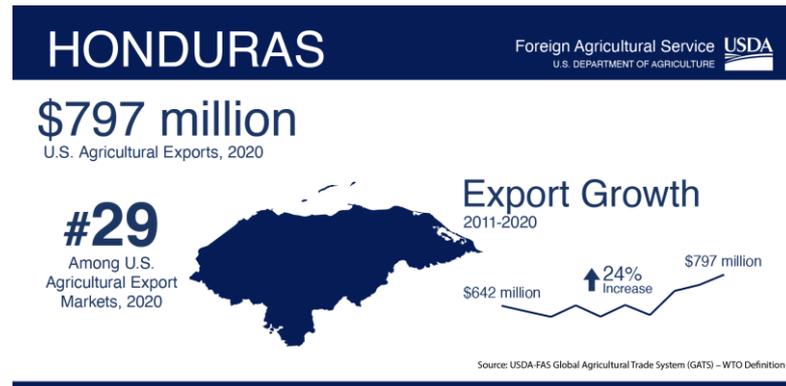
Disponível em: <https://www.fas.usda.gov/regions/guatemala>. Acesso em 17 de mar. 2021.



Infográfico 04: Exportações dos EUA para o Panamá

Fonte: USDA

Disponível em: <https://www.fas.usda.gov/regions/panama>. Acesso em 17 de mar. 2021.



Infográfico 05: Exportações dos EUA para Honduras

Fonte: USDA

Disponível em: <https://www.fas.usda.gov/regions/honduras>. Acesso em 17 de mar. 2021.

Outro país que importa diretamente dos Estados Unidos, mas que não tem infográfico no USDA é a Nicarágua. Esses países tem um acordo bilateral, o CAFTA-DR, que forneceu em 2013 para a Nicarágua um valor de 16 bilhões de dólares em alimentos por meio dos programas *Food for Progress* e *McGovern-Dole Food for Education*, aumentando em 70% as exportações dos EUA para esse país desde que o acordo entrou em funcionamento, em 2006, como informa o site do próprio USDA.

A bananicultura extensiva, praticada pela Chiquita, contribui para que os países produtores de banana tenham que exportar cada vez mais dos EUA, já que no lugar da agricultura familiar ou de subsistência estão monoculturas e áreas de reserva privadas, reforçando o controle corporativo sobre o meio ambiente, agricultura e postos de trabalho.

6. DISCUSSÕES

As discussões que permearam essa pesquisa estão entorno da atual configuração da Chiquita Brands na América Latina, especialmente na América Central, onde há mais fragilidade social e econômica como fato histórico. Os Estados do centro do sub-contidente americano, desde suas emancipações políticas dos países colonialistas europeus, vivem sob a influência política e econômica dos Estados Unidos da América por meio do clientelismo, patronato, coerção e relações privilegiadas de comércio, como destaca Harvey.

A elite estadunidense foi um forte alicerce para as conquistas, com dólares em mãos e governo disposto a auxiliar suas aquisições ultramarinas, os capitalistas individuais promoveram a expansão geográfica estadunidense nos séculos VXIII e XIX sobre as recém-formadas nações latinas, diz Galeano (1978).

A hegemonia dos EUA na América pós-colonial não se fez apenas por expansão e coerção, mas também com o uso arma financeira. O Acordo de Bretton Woods escancarou as portas para que os Estados Unidos pudessem partir com sua expansão econômica, visto que o domínio territorial das oligarquias já estava em curso há anos. Além do Acordo de Bretton Woods, Harvey (2004) diz que instituições foram criadas para promover o desenvolvimento capitalista, como a OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico), FMI, Banco Mundial, GATT (Acordo Geral de Tarifas e Comércio) e outros. Por meio de instituições financeiras de Estado os EUA lança o mecanismo crucial para seu poder imperial.

Para Harvey (2004) a concepção estadunidense de contribuir com os países explorados está em criar uma alegação plausível para mascarar sua real ação, motivada pelo interesse próprio. Em certo ponto os países latinos, como é o caso, recebem algum tipo de benefício coletivo, visto que a pura e simples ação hegemônica dos EUA não possibilitaria a sua liderança. Desta forma, as pequenas ajudas já servem de base para que os países latinos sejam permissivos com a presença do vizinho imperialista.

Por meio de acordos de mercado e domínio financeiro, os Estados Unidos têm o poder de coagir as nações latinas a receber seu capital excedente e cooperar com sua permanência, como diz Harvey (2004). Assim, crescem as ações imperialistas pelo capital, abrindo portas para o que o autor chama de imperialismo capitalista.

Com a união do Estado imperial e dos capitalistas dominadores cria-se o que Harvey (2004) chama de imperialismo capitalista, que ainda está em curso.

A agricultura é uma atividade social histórica, também afetada pelo monocultivo de banana, especialmente na Nicarágua que teve aumento de 70% das importações de alimentos vindos dos EUA, como mostra o USDA. As práticas centenárias da agricultura familiar e típica foi obrigada a dar lugar às bananeiras do regime alimentar corporativo, afetando diretamente na disponibilidade de comida saudável e nas configurações geográficas dos países produtores de banana.

O capitalismo se espalhou pelo planeta com um falso desenvolvimentismo, cercado por instituições e indivíduos dispostos a dominar para lucrar, defendendo países que se curvavam à sua ideologia anticomunista e derrotando seus inimigos. Desta forma os governos estadunidenses conseguiram se manter hegemônicos, mobilizando seus aliados para estarem sempre ao seu lado. A aliados lê-se ministros, embaixadores, presidentes e outros chefes de Estado espalhados pela América Latina, como expôs Galeano (1978).

Numa parceria entre império estadunidense com empresários capitalistas, o imperialismo capitalista se matem vivo e forte, dominando países com empréstimos e acordos de crescimento econômico, além da sua presença no agronegócio e nas rotas de circulação no Mar do Caribe e no Atlântico Norte.

A Chiquita é mais um tentáculo do gigante imperialismo e suas formas de controle. Infelizmente, sob posse de brasileiros, a multinacional atualmente se mostra ainda pior, por fazerem parte da peça fundamental do capitalismo que é a alienação construída por ele.

7. CONCLUSÃO

A pesquisa objetivou traçar o trajeto da United Fruit Company até chegar à sua atual descendente Chiquita Brands. Junto ao percurso da Chiquita também foi apresentada sua relação com a história da América Latina, que teve como antagonista os EUA e suas atividades imperialistas, junto a sua oligarquia capitalista. A empresa bananeira fundada por Minor Keith expandiu suas cercas de maneira sangrenta, exploratória e inimiga dos latinos. Atualmente essa empresa protagoniza episódios de abusos trabalhistas, controla os recursos naturais e influencia diretamente na agricultura dos países produtores de banana, que buscam fora de suas fronteiras alimento para a sua população.

A principal hipótese era sobre a atualidade do imperialismo, mas mais que isso, o imperialismo está associado ao capitalismo, já que as ações hegemônicas estão aliadas entre instituições, empresas e indivíduos. A soberania alimentar questionada ainda está prejudicada e os países buscam importações para tentarem conseguir segurança alimentar, o que afeta povos latinos.

Essa pesquisa sobre a Chiquita é uma das poucas em português, abrangendo o passado, o presente e instigando um futuro improvável de ser diferente, já que o imperialismo capitalista não será facilmente superável. Além disso, a pesquisa se mostra útil para estudos sobre a América Latina no que tange os assuntos abordados.

O imperialismo capitalista também está na fome que assombra os países sub-desenvolvidos da América Latina onde a Chiquita está presente com a sua bananicultura extensiva, reproduzindo práticas coloniais de prezar o monocultivo e deteriorar a agricultura de subsistência, afetando a soberania alimentar e expandindo um estilo alimentar a base de processados. As bananeiras se expandiram tanto que hoje são commodity vindas de países que passam fome e são reféns de instituições financeiras.

O entendimento de que o mundo é mutável, e as formas de hegemonia também, é indispensável para ter em mente que o desenvolvimentismo capitalista surgido em forma de globalização não é algo para ser recebido com entusiasmo. A narrativa sobre a globalização trouxe novas formas de coerção, mais veladas e encobertas para não gerar manifestações contrárias. O capitalismo ainda tem o mesmo intuito de obter lucro e o império não deixará que haja empecilhos para a conquista do poder que evade suas divisas.

A Chiquita ainda possui relevante poder e é uma das dominadoras do mercado mundial de banana, responsável por atender os EUA e a Europa. Suas atitudes ainda causam muito impacto e ela continuará assim, pois a cortina de ferro norte-americana ainda é eficaz e os governos frágeis da América Central não serão subversivos à potência. Desta forma, o papel dos sindicatos e organizações, como a UITA, é essencial na luta pelos direitos trabalhistas e sociais, contra os absurdos cometidos pelas empresas em solo latino-americano.

A luta contra o latifúndio e as relações imperialistas na América Latina ainda está longe do fim, mas a indignação, manifestação e persistência contra os moldes opressivos de dominação já representam algum frescor até chegarem os ventos da mudança.

8. REFERÊNCIAS

- ALBANO, Gleydson Pinheiro. Multinacionais e Neocolonialismo: a atuação da United Fruit Company na América Latina no século XX. **Revista GeoSertões (Unageo/CFP-UFCG)**, n. 1, vol. 1, jan./jun. 2016.
- CHIQUITA. **Sustainability Report**. 2019. Disponível em: <https://www.chiquita.com/sustainability/>. Acesso em: 12 dez. 2020.
- CIMIONATTO, J. Banana Podre. **MEDIUM**. Disponível em: <https://medium.com/@juliacimionatto/o-mundo-podre-das-bananas-8b467d95bfd9>. Acesso em: 29 ago. 2020.
- COLOGENESE, Silvio Antônio; MELO, José Luiz Bica. A técnica de entrevista na pesquisa social. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, v. 9, p. 143-159, 1998.
- DEPARTAMENTO DE AGRICULTURA DOS ESTADOS UNIDOS. **Serviço Agrícola Estrangeiro**. Disponível em: <https://www.fas.usda.gov/regions>. Acesso em: 02 fev. 2021.
- FERNANDES, Bernardo Mançano. **Regimes Alimentares, Impérios Alimentares, Soberanias Alimentares e Movimentos Alimentares**. Revista Latinoamericana de Estudios Rurales, 2018. ISSN 2525-1635.
- FIORAVANÇO, João Caetano. **Mercado mundial da banana: produção, comércio e participação brasileira**. Informações Econômicas, SP, v.33, n.10, out. 2003.
- FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS. **Banana**. Disponível em: <http://www.fao.org/land-water/databases-and-software/crop-information/banana/en/>. Acesso em: 02 fev. 2021.
- GALEANO, Eduardo H. **As Veias Abertas da América Latina**. Tradução de Sérgio Faraco. Porto Alegre, RS. L&PM, 2019.
- GARCIA, RW. D. **Reflexos da Globalização na cultura alimentar: considerações sobre as mudanças na alimentação urbana**. Faculdade de Nutrição, Centro de Ciências da Vida, PUC-Campinas, SP. 2003.
- HARVEY, David. **O Novo Imperialismo**. EDIÇÕES LOYOLA, São Paulo, Brasil, 2004.
- MALUF, Renato Sérgio Jamil; MENEZES, Francisco; MARQUES. **Caderno de Segurança Alimentar**. Agência Embrapa de Informação Tecnológica, 2000.
- McMICHAEL, Philip. **Regimes Alimentares e questões agrárias**. Tradução Sonia Midori. – 1 ed. – São Paulo; Porto Alegre: Editora Unesp; Editora da UFRGS, 2016.
- MARQUETTO, Stéfano R. **United Fruit Company: poder e influência na América Latina**. Porto Alegre, 2010.
- MONTEIRO, C. A. et al. Dietary guidelines to nourish humanity and the planet in the twenty-first century. A blueprint from Brazil. **Public Health Nutrition**, v.18, n.13, 2015.

VERGARA, Amina. M. F. A trajetória da United Fruit Company na Costa Rica. **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, v. n° 7, p. 110-132, 2008.

STÉDILE, João Pedro; CARVALHO, Horacio Martins. Soberania Alimentar: uma necessidade dos povos. **EcoDebate**. Disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/2011/03/25/soberania-alimentar-uma-necessidade-dos-povos-artigo-de-joao-pedro-stedile-e-horacio-martins-de-carvalho/>. Acesso em: dez 2020.

Anexos

ENTREVISTAS

Prezado senhor Wagner,

Venho a alguns meses escrevendo meu Trabalho de Conclusão de Curso sobre a produção de bananas e seu contexto histórico. Seria de grande importância sua participação respondendo algumas perguntas sobre o atual empenho da Chiquita em busca da sustentabilidade.

1. Qual a importância de traçar metas para alcançar a agricultura orgânica? A Chiquita ganha destaque ao ser uma empresa verde?

R: Metas são estabelecidas quando se busca alcançar um ou mais objetivos. É importante ter parâmetros de desempenho que sejam mensuráveis ao longo do tempo, para poder corrigir os desvios e evoluir de forma consistente em direção ao resultado. Em agricultura, passa o mesmo: se o objetivo é chegar a produzir produtos orgânicos, existe a necessidade de estabelecer metas de produção e ajustar toda a cadeia produtiva para cumprir todos os padrões que certifiquem o produto como orgânico. Uma vez que se decida que esse é o seguimento de mercado no qual vai posicionar-se, então passa a orientar seu negócio para atingir esse objetivo. Atualmente, Chiquita não produz banana orgânica em fazendas próprias, contudo, tem esse produto em seu portfólio, atendido por fruta comprada de produtores especializados.

2. Foi uma grande conquista diminuir as áreas de plantio e reflorestar terras? Qual o benefício dessas ações?

R.: Em Chiquita, respeitamos as áreas de matas nativas próximas a fontes de água e temos áreas de reserva já estabelecidas. Todas as áreas aptas para produzir banana existentes em fazendas próprias devem ser exploradas para esse fim.

3. O projeto de Rejuvenescimento e Reengenharia de Fazendas melhorou a eficiência da empresa? O objetivo está sendo alcançado?

R.: Sim, os projetos plurianuais de renovação de fazendas próprias tem as vantagens de: melhorar a estrutura de aeração do solo, redefinir o sistema de drenagem, ter a população ótima de matas por hectare, ordenar o layout de distribuição das matas. Tudo isso, agregado a um pacote agrônomico de alta qualidade, tem possibilitado que avancemos em melhorar a sanidade de nossas plantas e incrementar significativamente nossa produtividade, que é medida em caixas produzidas por hectare.

4. Há outros projetos sustentáveis a serem colocados em prática? Ou o contínuo trabalho já existente favorece o meio ambiente e a Chiquita?

R.: A aplicação da agricultura de precisão, fertilizando com base em análises laboratoriais de folha e solo, assim como o uso responsável de agroquímicos (utilização de produtos registrados para o cultivo, na dose recomendada, com aplicação no momento correto), respeitando as normas fitossanitárias de cada país onde estamos estabelecidos, faz com que nossa operação esteja sustentável com o meio ambiente.

5. O Tropical Race4 ainda é um grande inimigo das plantações? Quais saídas são buscadas para contornar essa doença?

R.: Sim, é uma doença bastante agressiva originária de países asiáticos que vem se espalhando pelo mundo e já chegou ao continente americano, estando presente em bananais da Colômbia. Existe um esforço em todos os países produtores de banana no sentido de não permitir que a doença entre. Medidas concretas que estamos implementando nas fazendas próprias é o cerco perimetral da propriedade com cerca de arame, controle de acesso com desinfecção, desinfecção de ferramentas, sapatos e veículos, inspeções fitossanitárias para detecção desde os sintomas iniciais, conscientização dos trabalhadores e das comunidades próximas a nossas operações. Em laboratório, existem cientistas buscando forma de encontrar variedades tolerantes e/ou resistentes a doença. Uma vez que se instala, a doença causa a morte das plantas por secamento e os custos de produção quando se tem que conviver com a doença sobem significativamente.

6. Em quais situações é impossível evitar o uso de químicos agrícolas?

R.: Penso que existem países que contam com condições climáticas e de incidência de pragas/doenças que permitem um menor uso ou até não uso de agroquímicos, e outros onde existe a necessidade de uso de agroquímicos para se conseguir produzir em escala comercial.

7. O senhor acha que as bananas são acessíveis a todas as pessoas onde a Chiquita está presente?

R.: Sim, é um produto disponível na grande maioria dos supermercados pelo mundo, e também é um alimento presente na dieta de povos de países africanos e centro americanos, como Honduras, Panamá e Costa Rica.

Obrigado pela sua paciência, disponibilidade e contribuição.

Vinícius de Almeida Lemos.

Prezada senhora Maria de Fátima,

Venho a alguns meses escrevendo meu Trabalho de Conclusão de Curso sobre a produção de bananas e seu contexto histórico. Seria de grande importância sua participação respondendo algumas perguntas sobre o início da Chiquita Inc. e o seu trabalho dentro dessa empresa.

1. Quando nasceu a nova face da Chiquita Inc?

Os novos donos compraram Chiquita no final de 2014, janeiro de 2015 começaram as mudanças.

2. Na sua visão, quais são os pontos positivos da empresa e que te motivam a trabalhar para ela?

Os atuais donos da Chiquita também são donos da Cutrale – maior exportadora de suco de laranja do mundo – que tem sua sede principal em Araraquara, onde eu morava, e foi onde comecei a trabalhar desde que saí da Universidade, há 32 anos. Em 2015 fui convidada a ajudar no processo de transição da Informática na nova empresa, Chiquita, a princípio era uma ajuda, mas fui convidada para ser transferida para Chiquita e trabalhar na sede dela nos USA e na Costa Rica. Os mesmos pontos positivos que eu via na Cutrale, vejo na Chiquita. Tem empresas que se tornam referência de sucesso nos mercados em que se encontram, que se tornam um exemplo a ser seguido, seja pela gestão ou pelo modelo de negócio, e Cutrale e Chiquita certamente são empresas desse tipo, e meu caso prova que eles reconhecem e dão oportunidades a seus empregados, é uma excelente para trabalhar.

3. Há quanto tempo a senhora trabalha para a empresa?

Eu trabalho para Chiquita desde o início de 2015, mas fui transferida definitivamente em maio de 2016.

4. Qual é sua função dentro da Chiquita?

Sou Gerente de Arquitetura de Sistemas. Construimos um sistema de informática 'dentro de casa' na Cutrale, e eu vim para Chiquita, junto com mais 3 companheiros da Cutrale, para customizar, desenvolver e implantar

esse mesmo sistema aqui. Chiquita é infinitamente maior que a Cutrale, então ainda há muito para desenvolver. Nosso sistema atende toda a parte administrativa e também toda a parte operacional da Chiquita.

5. Qual é sua visão sobre o atual trabalho da empresa no âmbito social, ambiental e econômico?

São os 3 pilares da Sustentabilidade, e a nova Chiquita tem um compromisso muito forte com isso, e equipes destinadas a garantir o cumprimento das regras. O desenvolvimento sustentável é um caminho trilhado diariamente, com respeito mútuo e consciência de que todos são partes integrantes de um único ecossistema.

6. Em quais países a Chiquita produz suas bananas?

Chiquita produz bananas praticamente em toda América Latina, tem suas próprias fazendas, mas também compra de produtores nesses países para atender a demanda, sempre exigindo que o produtor siga os mesmos padrões de produção que Chiquita.

7. Para onde ela exporta?

Ela exporta para o mundo todo, USA, Europa, Ásia, etc.

8. A senhora acha que ela é acessível a todos?

Sem dúvida, vivo nos USA e vejo banana da Chiquita em todos os supermercados por aqui. Já fui a países da Europa e é o mesmo, está disponível em todo o mundo. Já nos perguntamos porque não exportamos para o Brasil, e a resposta é que a banana produzida pelo Brasil se consome totalmente interno.

Obrigado pela sua paciência, disponibilidade e contribuição.

Vinícius de Almeida Lemos.

Estimado señor Gerardo Iglesias,

1. O que mudou na Chiquita quando chegaram os novos donos?

Vinicius, tudo piorou quando os brasileiros chegaram. As portas para os sindicatos e para o diálogo se fecharam. Eles são de uma arrogância, soberba e com uma cultura trabalhista, ou falta de cultura, que só piora para os trabalhadores. Tudo piorou! Só para você ter ideia, a Chiquita demitiu e expulsou mais de 200 funcionários de Puerto Limón na Costa Rica, pelo aplicativo WhatsApp e sem aviso prévio. Isso causou muita revolta e é algo que a UITA está lutando contra.

2. Mas no site a Chiquita se orgulha tanto da parceria com os sindicatos, se diz favorável.

Aquilo que diz a Chiquita foi algo lá atrás. Agora seu comportamento está diferente, usando da pandemia e do Mal do Panamá para barrar a entrada dos sindicatos, o que nunca aconteceu no passado da United Fruit, que você deve conhecer sua história.

3. Sim, conheci a história sangrenta da United Fruit pelo livro de Eduardo Galeano. Pensei que a Chiquita tinha mudado isso.

A chegada dos brasileiros não significou melhoras. Você pode ver isso no site da UITA Vinicius, não foi só esse episódio de descaso em Puerto Limón. Tem material no site da UITA para você ver, os brasileiros destruíram muitos sonhos. Pra você ter ideia, os funcionários de Puerto Limón que moravam nos alojamentos foram despejados e suas kitnets destruídas. Pessoas perto de aposentar, com família e filhos ficaram sem trabalho e sem salário. Em breve colocarei mais artigos sobre Chiquita.